SCHOLASTIC METAPHYSICS

John F. Mc Cormick, S.J.
Loiola University Press, 1940
Chicago - Illinois

CAPITULO QUARTO (2)

4. O Bonum

Sentido de bondade

Bonum (bem) é o que é desejável para algo: "id quod est "alicui conveniens". Distingue-se na metafísica o bem em sentido absoluto e em sentido relativo. Esquematicamente:

O Bem pode ser pensado	1. como absoluto: todo ser é desejável a si mesmo. A essência de cada ser é, para ele mesmo, bem absoluto.
	2. como relativo: algo desejável para um ser e que não seja sua própria essencia.

Isto é, o ben é relativo quando algo é bom para alguma coisa distinta de si mesmo, por exemplo: a comida é boa para o ser humano; a água é boa para o peixe; o ar é relativamente bom para o homem. Para o peixe, ser exposto ao ar não é bom. Esses bens são relativos, são desejáveis para um ser e não são a sua própria essencia. Para cada ser a sua própria essência é boa. O primeiro bem quê um ser possui é a sua própria substância. Esse é o sentido do bem absoluto. A essência está para o ser não como algo relativo, mas absoluto.

Não se deve confundir o bem em sentido absoluto com o Bem absoluto em si mesmo, o Bem infinito, que é Deus. Bem en sentido absoluto é apenas, para cada ser, a sua própria essência, em oposição ao relativo, que está sempre fora do ser que o deseja.

São Tomás, definindo o bem como aquilo que é desejável (Suma Teológica, q. 5, a. 1), baseou-se em Aristóteles que diz: "bem é o que todas as coisas desejam" (Etica, I, 1).

O bem pode ser procurado de três formas: como fim, como meio, ou como algo que é desejável e no qual o ser repousa. O bem como fim chama-se bem conveniente, ou bem honesto (bonum honestum), o bem como meio chama-se bem útil (bonum utile) e o bem em que o ser repousa diz-se bem agradável (bonum delectabile).

O bem conveniente é aquele que é desejável porque aperfeiçoa a natureza do ser que o possui. Por exemplo, para o ser humano a integridade física é um bem conveniente, assim como a saúde, o conhecimento, a virtude. Quando um bem aperfeiçoa a natureza racional do homem chama-se bem moral. A virtude é um exemplo de bem moral.

O bem útil é o que o homem deseja como meio para alcançar um fim. O alimento é um bem útil, porque visa um bem conveniente, que é manter a vida. O bonum utile é sempre desejável como meio para alcançarmos um bonum honestum.

O bonum delectabile é o bem em que o ser repousa. É o bem que dá alegria pela sua posse. Por exemplo, a música é um bem deleitável.

Um bem pode ser ao mesmo tempo conveniente, útil e deleitável. Não é necessário que sendo de um tipo não possa ser de outro também, porque eles não são exclusivos. Assim, a visão é conveniente, útil como meio para conhecer outras coisas e também deleitável. A visão é, ao mesmo tempo, os três tipos de bem.

Certos bens convenientes, em certas ocasiões, podem ser apenas úteis. Uma coisa pode ser um bem deleitável ou útil sem ser conveniente. Por exemplo, o prazer é agradável, mas nem sempre é conveniente, como no caso do pecado.

Quando um bem satisfaz o que há de inferior numa natureza, ele é um bem aparente, um bem menor. Mas se ele satisfaz as finalidades mais altas dessa natureza, então é um bem verdadeiro. Se aquele for procurado pondo de lado este, embora bem, ele se torna prejudicial. O prazer e o dinheiro são bens, mas enquanto produzem um deleite ilícito prejudicam a alma humana nas suas mais altas finalidades, que são o conhecimento e o amor de Deus. Por isso todo pecado é uma desordem.

O bem aparente satisfaz os apetites mais baixos de uma natureza, mas é indesejável às demandas mais elevadas do ser. Ele pode ser agradável ou útil, porém não é conveniente. O bem verdadeiro é o que aperfeiçoa o que há de mais elevado na natureza, é o que é desejável para o ser como um todo.

Bondade e ser

São Tomás diz: "Bem e ser são na realidade uma mesma coisa e se distinguem apenas no nosso entendimento , e isto é fácil de compreender. O conceito de bem consiste em que algo seja apetecível, e por isso disse o filósofo que bom " é o que todas as coisas apetecem" Porém, as coisas são apetecíveis na medida em que são perfeitas, pois tudo busca sua perfeição, e as coisas são tanto mais perfeitas quanto mais estejam em ato; de onde se vê que o grau de bondade depende do grau de ser, devido a que o ser é a atualidade de todas as coisas. Por conseguinte, o bem e o ser são realmente uma só coisa, ainda que o bem tenha a razão de apetecível que o ser não tem" (Suma Teológica 1ª parte, q. 5, a. 1)

"Apetecer" não deve ser entendido necessariamente no sentido de "desejo consciente e racional". É antes uma palavra análoga que pode ser aplicada a todos os tipos de seres. Assim, o peixe apetece a água. O homem apetece com a vontade e com o instinto, enquanto o animal só age por instinto. O vegetal apetece a luz: colocando-se uma planta numa caixa fechada onde a luz entre apenas por um furo, o vegetal cresce de forma a sair por este furo, procurando a luz. O fogo apetece as alturas, porque ele tende para as alturas. Quanto mais algo é denso, mais apetece o profundo. Apetecer é simplesmente ter uma tendência.

São Tomás dá outra demonstração desta relação de ser e bem dizendo que " O ente divide-se em potência e ato. O ato, enquanto tal, é bom, porque um ser é perfeito na medida em que está em ato. A potência também tem algo de bem, pois tende ao ato, como se evidencia

em todo movimento; e não é contrária, mas proporcionada ao ato,em relação ao qual se encontra no mesmo gênero, e a privação só a afeta acidentalmente. Logo, tudo que existe sendo ser é bom". (Suma contra Gentiles, Livro III, cap. VII).

O **bem** é uma noção transcendental porque todo ser é bom absoluta ou relativamente. Todo ser é bom absolutamente no sentido que todo ser apetece sua própria realidade, sua essência. Além disso, todo ser é bom para alguma coisa, porque todo ser tem relação com algum outro ser, seja uma relação de causa e efeito, ou de substância e modo, ou de parte e todo. As coisas relacionadas são desejáveis para aquelas com que se relacionam. Portanto, todo ser é absoluta e relativamente bom, e o bem é uma noção transcendental, "toda natureza é boa" (Santo Agostinho, De Natura Boni,c. 1).

Graus de bondade

Não se disse que todo ser é bom ou desejável para todos os outros seres, mas apenas para algum outro ser. Nem se disse,ao falar de bondade absoluta, que a bondade de todos os seres é igual. Há diferentes graus de perfeição e,consequentemente, de bondadde nos seres. Santo Agostinho diz no Enchiridion:"Por essa Trindade supremamente, igualmente e imutavelmente boa, todas as coisas foram criadas, mas nem supremamente, nem igualmente, ou imutavelmente boas, mas mesmo assim, todas são boas".

O problema do mal

Toda preleção em torno do assunto do bem põe o problema da existência do mal, que foi uma questão largamente discutida na história da filosofia. Deus é a suprema bondade, poderia Ele ter criado seres tão perfeitos como ele mesmo? Evidentemente, não,porque algo criado não pode ser tão perfeito quanto o incriado. É necessário que Deus crie seres sem bondade absoluta, porque um ser que tenha a bondade no supremo grau não pode ser criado. Então,tudo que Deus criou tem uma bondade inferior à dEle. Essa bondade pode crescer ou diminuir,porque só Deus é imutável. Ora, a diminuição da bondade chama-se mal.

O mal, portanto, não existe enquanto ser, é somente a diminuição de bondade numa natureza. Santo Agostinho, respondendo aos maniqueus, dá vários argumentos contra a existência do mal,enquanto ser. Os maniqueus afirmavam que no mundo há coisas boas e más. Os seres bons, diziam, foram criados por Deus, mas as coisas más não se podem atribuir a Deus, porque então Deus teria feito o mal. Eles diziam então que existia um outro Deus criador do mal. Haveria assim dois princípios: o Bem, criador de todas as coisas boas, e o Mal, criador de todas as coisas más. Esse princípio do Mal seria um ser absolutamente oposto ao princípio do Bem. Igual e contrário a ele, seria o mal absoluto, fonte de todos os males relativos que há na terra.

Respondendo a isto diz Santo Agostinho que, entre existir e não existir, o existir é bem e o não existir é mal..Se o supremo mal existisse, ele não seria supremo mal porque teria um bem: a existência. Logo, o supremo mal não existe.

Depois ele demostra que todo mal existe nos seres. Assim,

a podridão existe numa fruta. Essa podridão vai crescendo e des - truindo a fruta, mas a fruta apodrecida só é fruta enquanto tiver algo de bom. O mal sempre existe numa natureza, e, quando o mal triunfa completamente, ele destruiu a natureza e aquele ser não e xiste mais. Portanto, o mal tem que existir em alguma coisa boa. É na parede limpa que existe um pedaço sujo, e não pode existir mal em si mesmo, separado de qualquer coisa boa. O mal é aquilo que é contra a natureza.

O mal é uma espécie de privação da natureza, é a falta de algum elemento constitutivo de uma essência. No ser humano, a falta de um olho é mal. Também é mal a existência de um olho a mais, porque faltaria a ordem devida. Mas não é mal que faltem a-sas ao ser humano, porque este elemento não faz parte de sua es-sência. O mal é sempre uma privação, uma carência, uma ausência de algo que deveria existir. Mas, ele não é uma realidade. Ele não existe como ser.

São Tomás diz a esse respeito: "Mal é a falta de um bem que é natural a um ser e que cabe ao ser possuir". Sendo o mal u-ma privação e o oposto do bem, o mal é indesejável. O mal torna as coisas más, enquanto está nelas. O mal existe, pois, nas coi - sas boas, no sentido que um ser é privado de algo da sua bondade. O mal não pode existir como uma entidade separada. O mal não é um "ens per se".

Santo Agostinho diz: "Não pode existir mal senão em alguma coisa boa, porque as coisas não são, como seu Autor, suprema - mente e imutavelmente boas. O bem nelas pode crescer ou diminuir, por isso nelas pode haver mal, que é a diminuição do bem ..., en-tretanto, se o bem pode ser diminuído, é porque permanece algo que continua bom, pelo menos enquanto aquele ser possui natureza. ..., Enquanto permanece algo , enquanto há uma natureza, permane - ce, portanto, o bem. Não pode haver mal onde não há bem..., não pode haver uma coisa que seja absolutamente má. Se não há bem nu-ma coisa, então não há ser nela, e não pode existir absolutamente"

O Mal e a Providência Divina

São Tomás defende que a existência do mal nas criaturas não é incompatível com a providência divina. (Suma Teológica, I, q. 22, a. 2, ad. 2): "É preciso distinguir o que cuida de algo particular do provedor universal. O provedor do particular evita o quanto pode os defeitos das coisas postas a seu cuidado. Em troca, o provedor universal permite que em alguns particulares haja certas deficiências, para que não se impeça o bem da coletividade. E se bem que os defeitos e corrupções dos seres naturais sejam o-postos a tal natureza particular,entram, entretanto, no plano da natureza universal, porquanto a privação de um bem num ser se faz para benefício de outro e inclusive de todo universo, já que a geração ou produção de um ser supõe muitas vezes a destruição de outro, coisas ambas necessárias à conservação das espécies.

Como Deus é provedor universal de todas as coisas, incumbe à sua Providência permitir que haja certos defeitos nos seres particulares para que não sofra o bem perfeito do universo, já que, se se impedissem todos os males, seriam diminuídos muitos bens do

mundo. Não haveria o leão, se não perecessem outros animais, nem existiria a paciência dos mártires, se os tiranos não fizessem perseguições". Por isso diz Santo Agostinho: "O Deus onipotente não teria permitido que houvesse mal em suas obras se não fosse tão onipotente e bom que conseguisse fazer o bem do próprio mal".

A partir dessa idéia básica São Tomás desenvolve diversos argumentos para mostrar que a providência não exclui totalmente o mal das coisas criadas (Suma contra Gentiles, livro III, cap. 71):

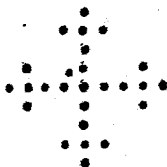
1º) "Não se daria a perfeição das coisas criadas se não existisse nelas uma ordem de bondade, isto é, se não houvesse umas melhores do que as outras; porque não se cumpririam todos os graus possíveis de bondade, nem criatura alguma se assemelharia a Deus por sua eminência sobre outras. Além disso, suprimindo a ordenação das coisas distintas e díspares, desapareceria também o supremo esplendor da ordem . E, o que é mais, supressa a desigualdade em bondade desapareceria também a variedade das coisas, pois umas coisas são melhores que outra pelas diferenças que as separam entre si, como é melhor o animado que o inanimado, o racional que o irracional. E assim, se nas coisas houvesse igualdade absoluta, só haveria um bem criado, o que repugna evidentemente à perfeição da criatura . Além disso, o grau superior de bondadde exige que algo seja bom de tal maneira que não possa perder a bondade. Entretanto o inferior é aquele em que a bondade possa ser perdida. Logo, o universo precisa de ambos os graus de bondade. Mas à providência do governante corresponde conservar a perfeição nas coisas governadas e não em diminuí-las. Portanto, não corresponde à providência divina excluir totalmente das coisas a possibilidade de falhar no bem. Mas, o efeito dessa possibilidade é o mal , porque o que pode falhar, falha alguma vez, além do que o mesmo defeito do bem é um mal. Logo, não corresponde à providência divina suprimir totalmente das coisas o mal"

2º) "Há muitos bens nas coisas que não teriam lugar se os males não existissem, por exemplo, não existiria a paciência doa justos se não existisse a malignidade dos perseguidores; não haveria lugar para a justiça vingadora se não houvesse os delitos, e inclusive nas coisas naturais não haveria a geração de um se não houvesse a corrupção de outro. Logo, se a divina providência excluisse totalmente o mal do universo criado, seria preciso diminuir a quantidade dos bens. Coisa que não se deve fazer porque é mais poderoso o bem na bondade que o mal na maldade. Portanto, a divina providência não deve excluir totalmente o mal das coisas.

3º) "O bem do todo é mais excelente que o bem da parte . Segundo isso corresponde ao prudente governador descuidar de algum defeito parcial para aumentar, em consequência, a bondade do todo: tal como o pedreiro esconde sob o solo os alicerces para aumentar a estabilidade da casa. Mas, se se suprimesse o mal de algumas partes do universo, se perderia muito da sua perfeição , porque sua beleza é ressaltada pela ordenada conjunção de males e bens, já que os males aparecem quando falham os bens, e, não obstante isso, seu resultado é a aparição de muitos bens pela providência do governador: tal como a interposição do silêncio torna agradável a música, tal como os escuros dão realce aos elementos

que se quer destacar de uma pintura. Portanto, a divina providência não deve excluir o mal das coisas.

Por isso se diz em Isaías: "Foi Deus quem fez a paz e criou o mal". E em Amós se diz: "Não há mal na cidade que não o faça Deus". Ele fez este mal relativo para que o homem compreendesse o valor da ordem.

E então conclui São Tomás: "E com isto se rechaça o erro de alguns que ao ver sucederem-se os males do mundo, negavam a existência de Deus. Assim Boécio, no primeiro livro das "Consolações" , cita um certo filósofo que se perguntava: "Se Deus existe, de onde vem o mal?", entretanto, dever-se-ia argüir,ao contrário: "Se o mal existe, então Deus existe". Pois o mal não existiria se desaparecesse a ordem do bem, cuja privação é o mal, e tal ordem não existiria se Deus não existisse".

<u>NOTA EXPLICATIVA</u>: esta apostila é um resumo da obra citada, muito embora não siga rigorosamente a divisão de capítulos alí empregada, e contenha também muitas notas do Manual de Filosofia Tomista de Enrico Collin. Para o seu correto entendimento é indispensável a leitura prévia dos primeiros capítulos, onde se explicam muitas das noções aqui empregadas.